

DO CORPO AO *CORPUS*: PRECARIEDADE E ESCRITA EM JOÃO GILBERTO NOLL

EVANDRO SANT' ANNA (UFES)*

RESUMO: *Em A fúria do corpo* (2008), João Gilberto Noll inscreve uma variedade de corpos marcados por uma condição precária. No romance, o autor coloca em destaque uma escrita atravessada pela encenação de diversas violências presentes na sociedade contemporânea. Tendo em vista essa constante, este trabalho analisa as relações entre “precariedade”, “corpo” e “escrita” na narrativa em questão. Para isso, dialogamos com as contribuições teóricas de Victoria Cóccharo (2017), Judith Butler (2008) e Jean-Luc Nancy (2000), dando principal destaque às maneiras através das quais o escritor une forma e sentido narrativo como um recurso que confere aos seus textos uma corporeidade.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Precariedade; João Gilberto Noll; Biopolítica.

FROM THE BODY TO THE *CORPUS*: PRECARIETY AND WRITING IN JOÃO GILBERTO NOLL

ABSTRACT: In João Gilberto Noll's *A fúria do corpo* (2008) we can note a variety of bodies which are marked by a precarious condition. The novel highlights a writing crossed by the exposure of a multiple forms of violence present in contemporary society. Considering this, we analyze here the relationships between “precarity”, “body” and “writing” in the narrative in question. In order to do that, we dialogue with the theoretical contributions proposed by Victoria Cóccharo (2017), Judith Butler (2008) and Jean-Luc Nancy (2000), giving main emphasis to the ways in which Noll's writing unites form and narrative sense as a resource that gives his texts a corporeality.

KEYWORDS: Body; Precarity; João Gilberto Noll; Biopolitics.

* Doutorando em Letras (Estudos Literários) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem como foco de estudo as relações entre “escrita”, “biopolítica”, “precariedade” e “animalidade” na Literatura Brasileira Contemporânea.

INTRODUÇÃO

O único roteiro é o corpo. O corpo.

João Gilberto Noll

Em entrevista, João Gilberto Noll afirma que “a literatura deve ter compromisso com o fenômeno humano, seja ele tarado, equivocado, deformado ou politicamente superincorreto” (NOLL, 1997, p. 83). Para o autor, “às vezes a força poética vem da deformação, do olhar torto”, de “um olhar instintivamente inadequado” que permite ao escritor possibilidades de plantar a “esperança em cima das ruínas, em cima do aniquilamento, em cima dos destroços” (NOLL, 1997, p. 83). Desde o início do seu projeto ficcional, já em *O cego e a dançarina* (2008c), podemos perceber que é justamente sobre os pilares das tensões estabelecidas a partir do choque entre as adversidades do fenômeno humano, de um lado, e um traço de esperança, de outro, que o autor sustenta seu tom estético-temático. Seus personagens, movidos constantemente pela necessidade de, frente às violências que perpassam suas existências, fazerem “alguma coisa urgentemente” (NOLL, 2008c, p. 18), posicionam-se nos contextos ficcionais adotando o desejo como força produtora — desejo que, por vezes, parece transbordar das páginas de seus livros. As narrativas nollianas partem, então, de uma ótica que vê na deformação uma potência poética que não distingue os extremos responsáveis por caracterizar o que é destrutivo ou o que é edificante.

Nessa perspectiva, a literatura em João Gilberto Noll pode ser compreendida como um espaço que, em seu interior, abre um percurso por onde transita incessantemente a extensão de um corpo inadequado — de um corpo que nos permite visualizar, inclusive, as políticas que buscam definir quem merece ser visto como um sujeito de direito ou não. Esse atravessamento entre “deformação” e “esperança” nos aponta para uma poética da reciclagem: não como se os corpos propostos pelo autor devessem ser refeitos à luz de um ordenamento arbitrário e higienizador, mas como se eles adotassem sua destruição como parte de um ciclo infundável, retornando à superfície textual sempre na forma de algo que não cabe nas prerrogativas antes responsáveis por inseri-los em situações de vulnerabilidade e apagamento. A “grafia porosa” (SANTIAGO, 2002) que sustenta as narrativas nollianas — partindo desse aparente dualismo entre escatologia e possibilidades de resistência — pulveriza as noções que assumem o corpo como um território estático para apresentá-lo ao leitor como o reflexo de uma vida estritamente potente, apontando a literatura, portanto, como o acontecimento que permite “a passagem da vida na linguagem” (DELEUZE, 2011, p. 16-17).

Nesse sentido, João Gilberto Noll aciona movimentações políticas ancoradas na construção de um “afresco do tempo em que estamos vivendo” (NOLL, 1996), sem deixar, contudo, que esse gesto posicione seu trabalho em um horizonte panfletário. Ainda que as proposições de seu conjunto ficcional estejam carregadas de uma urgência política, sua obra pode ser lida como a resultante de “uma certa militância da linguagem”, ou seja: é pelo mundo simbólico da linguagem (NOLL, 2005) e as formas mediante as quais ela se organiza na materialidade textual que o autor gaúcho sublinha as fraturas que os corpos de seus personagens enfrentam e, com isso, nos faz repensar — e, sobretudo, questionar — as categorias comumente incólumes em um

imaginário social que tiraniza os modos de vida contrapostos ao *status quo*. A partir de um labor tão arguto com a linguagem — de um labor que une forma e sentido narrativo no momento de criação de ensejos ficcionais — podemos notar, como afirma Victoria Cóccaro em *Los cuerpos vulnerables de João Gilberto Noll*, que

Noll expõe os corpos de seus personagens em um movimento de precarização das classificações, identidades, formas físicas, características e faces; são corpos que expressam a pobreza em sua materialidade (através de marcas, transformações, enfermidades, gozo, travessias) e naquele lugar criam novas visibilidades que podem fragilizar as identificações de conceitos cristalizados (CÓCCARO, 2017, p. 250).

O que está em cena no projeto ficcional nolliano é a centralidade de um corpo hiperbólico e, por vezes, multiforme. É possível perceber os traços de fragilização de conceitos engessados nas vezes em que a hipérbole corporal nos textos do autor demonstra novas *formas-de-vida*¹ ao propor a transformação dos limites corporais de seus personagens. Em meio a um cenário precário, adotando o corpo como o centro das constituições do eu, os personagens nollianos rearticulam suas próprias definições e ressignificam suas próprias margens. Evidencia-se essa constante — o corpo como consistência mutável e fundadora de outras *formas-de-vida* —, por exemplo, em *A céu aberto* (2008), quando o irmão adoecido e fragilizado do narrador, atravessado por um cotidiano marcado pela guerra, transforma-se em mulher, sendo reinscrito no texto com a imagem de um corpo feminino: “quando voltei o meu irmão estava diante do fogão aguardando a subida do leite que fervia. Ele vestia uma camisola azulada que lhe vinha até os pés descalços [...] e do outro lado do tecido fino havia o corpo de uma mulher” (NOLL, 2008, p. 66).

Os textos de João Gilberto Noll ressaltam personagens cujos corpos “expressam sua potência de variação e singularidade” na medida em que adquirem “novos umbrais de realidade” (CÓCCARO, 2017, p. 252), nos permitindo “refletir sobre alguns aspectos das sociedades contemporâneas, abrindo questionamentos sobre as esferas da vida e do humano” (CÓCCARO, 2017, p. 251). Trata-se, de acordo com Gabriel Giorgi, de “textos que combinam a precariedade e a destruição como uma potência cega, que se afirma na sua incerteza” (GIORGI, 2013, p. 126), de ficções que “narram *estados de corpos* em que as alternativas do relato passam sempre por uma materialidade orgânica que as realiza e as potencializa” (GIORGI, 2013, p. 124, grifos do autor).

Situar os corpos presentes no conjunto narrativo nolliano sobre um quadro a partir do qual tensões de diversas ordens se entrecruzam: este é o exercício necessário para que possamos enxergar, tal como uma enorme pintura pontilhada admirada à distância, os feixes de sentido que nos permitem desvendar, pouco a pouco e com maior clareza, a amplitude política intrínseca à escrita do autor, assentada em grande parte sobre “uma viscosidade anônima pela qual os personagens se dissipam como microrganismos em estado mineral: sem nome, idade, gênero e biografia” (CÓCCARO, 2017, p. 258).

Assim, em se tratando de textos que grifam tão fortemente uma dissolução dos corpos de seus sujeitos ficcionais, é preciso se atentar ao fato de que esse corpo que atinge, nas

¹ Dialogamos, aqui, com um conceito proposto por Giorgio Agamben. Para o filósofo italiano, a *forma-de-vida* é definida como “uma vida que jamais pode ser separada de sua forma”, ou seja, “uma vida para a qual, no seu modo de viver, está em jogo o próprio viver e, no seu viver, está em jogo antes de tudo o seu modo de viver” (AGAMBEN, 2015, p. 13-14).

narrativas, uma forma quase que invertebrada — essa existência que se prolifera através de um estado corporal que recusa qualquer comporta — expõe, muitas vezes, fraturas que nos propiciam uma análise pungente sobre a produção de uma *condição precária*, designada como

a condição politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoios deficientes, sendo de diferentes maneiras expostas à violação, à violência e à morte [...] *a condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado* que não as oferece nenhuma opção a não ser a de que elas recorram ao Estado contra o qual elas precisam de proteção (BUTLER, 2009, p. 25-26, grifos nossos).

É essa urgência que as narrativas nollianas evidenciam tão constantemente. Não se trata apenas, na escrita do autor, da simples inscrição de um corpo nômade, multiforme ou mesmo polimorfo: trata-se de uma vida marcada por uma condição que, produzida por um ordenamento político muito bem organizado, apreende esses corpos como a projeção de algo puramente biológico, de algo que pode, portanto, ser abandonado à morte. A condição precária, assim, pode ser lida como uma das engrenagens produtoras do que Giorgio Agamben propusera como *vida nua*: a “vida insacrificável e, todavia, matável” (AGAMBEN, 2014, p. 84); a vida que, afastada das qualificações políticas gerenciadas pelas organizações de poder, é incessantemente atingida por ações que podem lhe causar o extermínio.

É válido lembrar, a partir desse apontamento, que os corpos que protagonizam o arranjo estético nolliano — adoecidos, afastados de um escopo de inteligibilidade heterocentrado etc — se apresentam nas páginas de seus contos, romances e novelas, através de proposições responsáveis por frisar que “certos tipos de corpos parecerão mais precariamente que outros, dependendo de que versões do corpo, ou da morfologia em geral, apoiam ou firmam a ideia da vida humana digna de proteção, amparo, subsistência e luto” (BUTLER, 2009, p. 53). A escrita nolliana maximiza, como consequência dessa exposição exacerbada da *condição precária*, nossas percepções sobre o fato de que alguns corpos — esses afastados dos ditames de uma política de morte — são lidos como contornos que abrigam a *vida nua*.

A escrita de João Gilberto Noll sublinha, então, desde o início da década de 80, o que Judith Butler argumentaria anos depois em seu *Frames of war* (2009)². Para a filósofa, a condição precária deve ser apreendida como um processo condicionado e não como “um aspecto interno de um indivíduo monádico ou qualquer outra presunção antropocêntrica” (BUTLER, 2009, p. 23). É preciso pensar essa constante nos trabalhos do autor gaúcho, nesse sentido, tendo em vista que “tanto a precariedade quanto a condição precária são conceitos que se esbarram” e que “vidas são por definição precárias” (BUTLER, 2009, p. 25), uma vez que a “precariedade implica viver socialmente” — justamente porque “a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos de outro” (BUTLER, 2009, p. 14). Podemos concluir, sob essa ótica, que a condição precária por meio da qual os personagens do autor são constantemente apresentados fundamenta-se através das diferentes formas em que uma vida é apreendida e exposta ao outro.

Se a precariedade é uma espécie de classificação compartilhada por todos os sujeitos

² Conferir também, a respeito dos conceitos *precariedade e condição precária*, o livro *Prearious life: the power of mourning and violence* (2004), da mesma autora.

históricos, podemos afirmar que as vidas violentadas no percurso da obra nolliana não são violentadas por serem em *si precárias*, mas por serem expostas à violência, à exclusão, ao desamparo e à morte com uma recorrência muito maior que outras vidas — ou seja, por serem sistematicamente inseridas em *condições precárias*. Isso nos indica que devemos estar atentos aos enquadramentos epistemológicos responsáveis por manter as vidas encenadas na escrita de João Gilberto Noll sob essas condições — isto é, aos enquadramentos epistemológicos que definem qual vida merece viver e qual vida será inserida na comunidade na forma da mais absoluta matabilidade. A pergunta que aqui nos guia, então, é a seguinte: como o autor gaúcho sustenta, através dos usos que faz da linguagem escrita, uma crítica a essa condição? Refletir sobre essa questão é um dos movimentos que nos permite tanto compreender as articulações contemporâneas que fabricam a condição precária, quanto visualizar, partindo de um horizonte mais amplo, a força política da escrita nolliana.

DO CORPO AO CORPUS

Em *A fúria do corpo* (2008b), primeiro romance publicado por João Gilberto Noll, podemos notar o que o autor nos aponta em suas entrevistas. Unindo escatologia e força de vida, os personagens propostos na narrativa em questão tensionam seus limites corporais a cada página, ainda que esse tensionamento se apresente pelo intermédio de uma vivência que transita pelos extremos de uma condição precária. Já na abertura do romance, Noll inscreve — com auxílio da voz narrativa de João Evangelista, que ecoa em primeira pessoa — uma existência que toma o corpo como o elemento central da constituição de um *eu* totalmente fragilizado, colocando em evidência uma das sugestões de Jean-Luc Nancy em seu *Corpus* (2000, p. 25): “o corpo expõe a efração de sentido que a existência constitui, absolutamente e simplesmente”. Nota-se:

O meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: nome de ninguém não. Me chame como quiser, fui consagrado a João Evangelista, não que o meu nome seja João, absolutamente, não sei de quando nasci, nada, mas se quiser o meu nome busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer [...] Não me pergunte pois idade, estado civil, local de nascimento, filiação, pegadas do passado, nada, passado não, nome também: não. *Sexo, o meu sexo sim: o meu sexo está livre de qualquer ofensa e é com ele-só-ele que abrirei caminho entre eu e tu, aqui* (NOLL, 2008b, p. 09, grifos nossos).

Noll propõe o corpo, aqui, como um espaçamento que instaura no tecido narrativo duas aberturas: a primeira configura-se pelo fato de o personagem conceber o próprio corpo, mediante negação de outras atribuições — nome, local de nascimento etc. — como o principal elemento que o constitui; a segunda, por sua vez, assume este corpo como um dispositivo que une o leitor à escrita nolliana, colocando-o, portanto, como o ponto central de uma experiência literária vinculada ao romance em questão. Quando a voz narrativa nos indica “o meu sexo está livre de qualquer ofensa e é com ele-só-ele que abrirei caminho entre eu e tu, aqui”, ela nos permite afirmar que embora a materialidade textual seja o ponto através do qual nos encontramos com os acontecimentos literários a serem descritos, o corpo que emerge da narrativa é o que

nos direciona a esse encontro.

Se, de acordo com Georges Bataille (2017, p. 9) em seu *A literatura e o mal*, a “literatura é comunicação”, é possível sugerir que o romance de João Gilberto Noll nos comunica justamente um corpo outro; um corpo que só é corpo, inclusive, a partir desse *estar-com* proporcionado pela comunicação literária. É preciso ter em mente, ainda, que essa forma de *estar-com* é elaborada tanto por meio da relação que o leitor estabelece com o texto, deixando-se afetar pelos movimentos estéticos propostos pelo autor, quanto por meio da relação que os personagens estabelecem entre si:

Quando a gente se encontrava você dizia meu coração tá doendo, toca aqui. Eu tocava no coração com a mão espalmada sobre teu peito e sentia o coração responder: pulsava ali uma outra vida que não a minha, um outro ser vivo no mistério mas tão mineral que eu podia tocar, alisar na minha ternura, apertar com o ódio de quem possui o que não é seu e que no entanto se dá. Um coração apaixonado. O coração pulsava feito uma bomba na mão, batia contra o meu tato todo cheio da fantasia madura, prestes a ser mordida: eu mordía o seio que guardava o coração você me dizia vem, e em cada convite mais uma curva do labirinto se desenhava; eu enfrentava mais uma curva e me perdia mais uma vez ao teu encontro. E cada encontro nos lembrava que *o único roteiro é o corpo. O corpo.* (NOLL, 2008b, p. 23-24, grifos nossos).

O corpo que João Gilberto Noll inaugura, impondo-se como uma força que transpassa esse espaço entre o “eu” narrador e o “tu” que experiencia o texto, não deixa de ser lido, portanto, como um roteiro por onde se deslocam as especificidades dos sujeitos ficcionais. Esse gesto de escrita nos possibilita uma aproximação ainda maior com os personagens — que são alocados, por sua vez, em uma condição precária extremamente violenta. O corpo como dispositivo de aproximação, aqui — de *comunicação*, de *estar-com* —, funciona como um aparato que nos sensibiliza ainda mais perante as situações enfrentadas pelo protagonista e os personagens que o rodeiam. Sob essa ótica, a escrita nolliana nos leva, com sua grafia porosa, do corpo ao *corpus*, nos lembrando a cada página que “os corpos não têm lugar nem no discurso, nem na matéria” justamente por serem “a própria descontinuidade dos postos do sentido, dos momentos do organismo” (NANCY, 2000, p. 18), ou seja: o corpo em Noll só é corpo pois, escrito, comunica e permite a fundamentação de um reconhecimento da alteridade.

Quando trazemos à tona o termo *escrita*, nos referimos ao exercício que indica “um gesto para tocar no sentido” (NANCY, 2000, p. 18), um gesto que nos endereça às possibilidades de significação daquilo que a literatura nos comunica. O toque no sentido vinculado ao corpo encenado nas narrativas nollianas: é a essa demanda que o leitor do autor deve se entregar, permitindo-se alcançar a precariedade ali exposta para, a partir dali, pensar em novas rotas de resistência. É preciso ter em mente, ao entrarmos em contato com a literatura produzida por João Gilberto Noll, que “o corpo é o ser-exposto do ser” (NANCY, 2000, p. 34) e que *estar-com* esses corpos “não é desvendar um mistério, é ver o que se oferece à vista, a imagem, a miríade de imagens” (NANCY, 2000, p. 46) que o corpo nolliano expressa ao ser exposto através da maximização de um estado precário.

João Evangelista, assumindo seus limites corporais como uma espécie de *roteiro*, diz

viver apenas as “possibilidades do possível” (2008b, p. 13), transitando sempre por pequenas rotas de escape e resistência presentes no cenário deteriorado em que lhe é permitido existir. Assim, destaca o narrador:

Hoje [...] compreendo enfim que vale a pena ter vindo até aqui e que estar vivo é uma espécie de rebelião contra essa sina de se ir puxando a vida como quem puxa a corrente inesgotável de uma força que nos excede, rebelião contra essa sina de se ir vivendo como quem puxa o fantasma que nos extenua sem que saibamos que déspota é esse que nos quer assim consumidos [...] (NOLL, 2008b, p. 13-14).

É preciso investigar, a partir das formas através das quais os corpos dos personagens de *A fúria do corpo* (2008b) são dispostos, quais são os traços na escrita do autor que indicam qual vida ele propõe e, além disso, para quais urgências ela nos aponta. É possível notar que os sujeitos ficcionais reconhecem que “estar vivo é uma espécie de rebelião” contra as condições de violência e desamparo enfrentadas, e que, mesmo vivendo em constante vulnerabilidade, há uma força que os excede e lhes propicia um embate ao “déspota” que os insere — e os mantém — inseridos em uma condição precária. João Evangelista, logo após afirmar não saber que “déspota” é esse que os “quer assim consumidos”, em um diálogo com Afrodite, sua companheira, questiona: “Sabe que nós não comemos há dois dias e meio e que assim mesmo há um Governo sobre nossas cabeças?” (2008b, p. 27). Há a consciência da existência de um “Governo”, de uma organização política que articula questões econômicas, ideológicas e sociais, de um elemento que reprime o desejo que perpassa seus corpos, negando-os suas expansões ao outro e às potências de uma vida fora dos ditames da subjetivação capitalista. O que pesa na reflexão de João Evangelista é, portanto, perceber que a existência de um Governo e as realidades que atravessam seu cotidiano são forças que se entroncam e direcionam ao seu corpo situações de fome, violência e frio — situações que ampliam sua precariedade, inserindo-o numa *condição precária*. Nota-se:

Sabemos que essa paz é provisória para quem vive na última lona como nós dois, na rua, uma bala pode estar viajando em nosso encalço, o Esquadrão da Morte pode ver em nós carne própria de presunto, estamos sem banho, o cheiro que exalamos embora sem o aparato do fodor é qualquer coisa de rude, perigoso, matéria viva sem fingidas fragrâncias, a bala pode estar se aproximando do alvo e nada valerá a nutrição do pão que nos deixa lépidos como um passeio irreal [...] (NOLL, 2008b, p. 18-19, grifos nossos).

Percebemos no trecho em destaque — cena em que João Evangelista e Afrodite observam frangos serem assados em uma vitrine de restaurante — que os protagonistas experienciam sempre uma “paz” que é “provisória”. Fica em evidência que, mesmo nesses momentos, os personagens não se permitem ignorar as possibilidades de efetivamente encontrarem a morte, vivendo sempre sob tensão, sempre atentos. Quando João Evangelista narra que “uma bala pode estar viajando” em sua direção, ele salienta um cenário que fortalece a posição de um sujeito que, lido como uma *vida nua*, pode ser visto a qualquer momento como “carne própria de presunto” e ser abatido pelo “Esquadrão da Morte”. É significativo, também, que “Esquadrão da

Morte” seja um termo proposto com letras maiúsculas em suas iniciais. Esse movimento estético de escrita confere à expressão um tom institucionalizado acerca das ações que violentam os protagonistas do romance. O “Esquadrão da Morte” não é, dessa maneira, um acaso, mas sim um aparato de poder e extermínio organizado e, quiçá, legalizado.

Seguindo com uma leitura ancorada nas relações entre a imagem do corpo, as forças que são capazes de abatê-lo, e a vida dos personagens, percebem-se as seguintes descrições dos sujeitos ficcionais: “sem banho” e “matéria prima sem fingidas fragrâncias”. Encena-se uma configuração narrativa que une o estado do corpo dos personagens às formas por meio das quais estes são vistos tanto pelo “Esquadrão da Morte”, quanto pelo leitor. Nota-se:

Eu me levantei pra mijar e fui entrando por uma macega tirei o pau pra fora começo a mijar e vejo um grito vindo de baixo dois leprosos um em cima do outro e eu tava mijando em cima deles o debaixo devia ser mulher porque tinha umas sobras pelancudas onde outrora devia ser o seio o de cima tinha uma bunda carcomida por crateras e os dois olharam pro meu pau e riram um riso doido e o debaixo que deveria ser mulher pediu que eu mijasse mais [...] e lá embaixo estavam os dois recebendo em gozo o banho de mijo e bebendo o mijo e começaram a rolar pelo chão e exalar doidos gemidos gargalhadas e ali onde eles deveriam ter o sexo era pura lama de sangue e aí percebi mesmo que o de baixo era mulher e o de cima era homem porque no de baixo só se via sangue no sexo e no de cima havia uma massa ensanguentada e ainda latejante entre as pernas corri metendo o pau pra dentro da braguilha [...] (NOLL, 2008b, p. 52).

A cena nos coloca, nesse instante ficcional, em uma relação com o texto que beira a agonia. A falta de vírgulas confere à narrativa um fluxo contínuo, aproximando-nos de uma experiência estética violenta e urgente. Encaramos, dessa forma, os corpos entregues à velocidade com a qual o “Esquadrão da Morte” pode abater, através de uma casualidade institucionalizada pelas determinações do poder, suas existências — uma vez que, como enfatiza o narrador, “uma bala pode estar viajando” ao seu “encalço”, aproximando-se “do alvo” (NOLL, 2008b, p. 18) que é o seu corpo. Essa forma escrita imprime, também, as urgências experienciadas pelos corpos propostos nas narrativas. A leitura contínua que embala o relato de João Evangelista, além de acentuar o desconforto de quem entra em contato com o texto, expõe a urgência do narrador. Em momentos como esse, é possível notar que a narrativa, em sua textualidade, assume uma *corporeidade*. Assim, numa profusão isomórfica, a velocidade do relato — que assume uma fluidez descontrolada mediante a sua forma escrita — aglutina-se aos significados da barbárie experienciada por seu narrador. Noll sublinha, com sua “militância da linguagem”, um corpo violentado que, tendo seus limites tensionados a cada linha, constitui uma existência constantemente atravessada pela vulnerabilidade.

A forma que o autor se utiliza para construir a comunicação estabelecida entre o narrador e os leprosos também destaca os traços de precariedade que tangenciam as realidades dos personagens. João Evangelista e os leprosos apenas se observam e assumem certa distância. Ao mesmo tempo, parecem estar sensivelmente conectados pela tensão estabelecida entre seus corpos e as condições em que eles se inserem. As expressões orais que traçam um paralelo

comunicativo entre os personagens não vão além dos gritos de “mais” que os leprosos direcionam a João antes de, vez ou outra, receberem “em gozo o banho de mijo” para bebê-lo e rolar “pelo chão” exalando “doidos gemidos gargalhadas”. Para Victória CócCARO,

o cenário de precariedade que apresenta e incorpora os corpos dos personagens, propondo-se como esse espaço relacional onde ocorre a vulnerabilidade dos corpos, pode ser percebido, em toda obra de Noll, através da vulnerabilidade — aberturas, cortes, tensões, hibridez — de sua escrita (CÓCCARO, 2017, p. 265).

Voltamos, novamente, às construções textuais que aproximam os corpos propostos nas narrativas das maneiras pelas quais podemos ler suas existências. Aqui, tal caracterização, além de se fazer notar pelas descrições dos corpos dos leprosos — fragilizados, quase que em ruínas —, destaca-se também nas gestualidades corporais que afastam os personagens da imagem de um sujeito distante das violências sociais. Trata-se, como afirmara Daniel Barreto da Silva (2006, p. 53), da encenação de um corpo fraturado que “chega a querer expelir das páginas sua materialidade em uma escrita visceral [...] de forma que o leitor possa quase tocá-la”. Assumindo expressões corporais que beiram à deterioração, os personagens sublinham uma situação em que suas existências são reduzidas apenas à vida biológica: “o debaixo devia ser mulher porque tinha umas sobras pelancudas onde outrora devia ser o seio o de cima tinha uma bunda carcomida por crateras” (NOLL, 2008b, p. 52).

Eu vi o menino o meu menino jogado no chão, *nu, morto o meu menino com um tiro cavernoso no coração*, corri para o encontro dele e que me matassem por eu correr e que me trucidassem e que me esquartejassem mas aquele era o meu menino e estava morto ali com um tiro cavernoso no coração atirado na laje fria, e me ajoelhei e *peguei sua cabeça, e seu corpo, frio, eu pus sobre meus joelhos e éramos como do mesmo mármore*, da mesma pedra como a madona e o seu filho e ninguém nos tiraria nem uma lasca, lambi sua ferida do coração e veio um PM e me esbofeteou e me deu duas patadas com a bota no meu peito e duas coronhadas no meu púbis e falou que eu era uma mãezinha puta com seu filhinho morto e me atirei sobre o corpo do menino e gritei que dali não sairia e que iria pra cova com ele porque ele era um anjo e me trazia a boa nova e que eu amava até o cerne do coração; aí passou um homem com um terno cinza lustroso e berrou que acabassem com aquela pietá ali e o PM já não suportando *a cena do vivo e o morto enlaçados* passou a baioneta pela minha barriga e na minha barriga brotou um risco de sangue e retiraram o corpo do menino dali e me arrastaram para o corredor e me jogaram novamente na fila logo logo chegou a minha vez numa sala ampla e me atiraram numa cadeira e diante de mim havia quatro investigadores (NOLL, 2008b, p. 69, grifos nossos).

Após o fim da cena com os leprosos, João Evangelista se perde do menino que o acompanhava, encontrando-o morto algumas páginas à frente. O trecho acima, repetindo formalmente o ritmo urgente e ininterrupto — que, embora presente em todo o romance, intensifica-se em cenas como essa —, destaca o “menino jogado no chão, nu [...]”, assassinado com “um tiro cavernoso no coração”. A nudez, aqui, pode evidenciar ainda mais a vulnerabilidade enfrentada pelos personagens, pois, ao se emparelhar à imagem de um corpo efetivamente morto, expõe

o limite das ações higienizadoras promulgadas pelo ordenamento social. Importante ressaltar, além disso, a aproximação que João Evangelista traça entre o seu corpo vivo e o corpo morto — e nu — do menino estirado no chão: “e me ajoelhei e peguei sua cabeça, e seu corpo, frio, eu pus sobre meus joelhos e *éramos como do mesmo mármore*” (NOLL, 2008b, p. 69, grifos nossos). O narrador, nesse instante, coloca-se como um semelhante do menino, fazendo com que o leitor desloque a imagem de João como sujeito que transita entre a vida e a morte por conta de sua condição precária, à imagem de um sujeito efetivamente “morto”. Curioso, contudo, que ao evocar a palavra “madona”, João também os coloca como uma espécie de materialização de um objeto artístico mimético de Maria e o Menino Jesus, levando à cena brutal e desesperadora um elemento religioso que, de certa maneira, confere ao momento de leitura um contraponto que beira a redenção cristã e sua promessa de vida eterna — “ninguém nos tiraria nem uma lasca”.

Há, ainda, a inscrição de uma força que extrapola João Evangelista: “me atirei sobre o corpo do menino e gritei que dali não sairia” (NOLL, 2008b, p. 69), ressalta o narrador. Notamos novamente, entretanto, através da imagem do PM e do homem com um terno cinza que gritou para que “acabassem com aquela pietá”, a existência de uma organização de poder que usurpa essa mesma força. O PM, ao passar a baioneta na barriga do personagem principal por estar cansado da aproximação — ou melhor, da quase indiscernibilidade — entre este e o corpo morto do menino, coloca em destaque a força repressiva do que anteriormente fora exposto como “Esquadrão da Morte”.

O nó político-estético para o qual a escrita de João Gilberto Noll aponta é, enfim, o resultado do embate entre os *corpos* inscritos em suas narrativas e as *formas de vida* ligadas a esses corpos. O projeto ficcional de João Gilberto Noll, ancora-se, portanto, no despertar de uma consistência resultante da soma entre corpo e forma narrativa, destacando as consequências e limites de um ordenamento biopolítico que possui, no centro de sua organização e funcionamento, o controle da vida dos sujeitos como um ponto primordial.

[...] a gente tá aqui levando essa vida porque tem gana, nunca ninguém dá esmola de graça pra esse *bichinho aqui chamado homem*, a gente leva porrada e vai levando porque sabe que o mundo é nosso, anjo que é bom a gente nunca viu fora da ideia, a gente sim, a gente vê a gente, toca na gente, odeia, fere, ama a gente, *a gente não é uma palavra, tem corpo, tem matéria, tem tripa, fezes, unidos na alma a gente goza pelo corpo, somos unidos pela guerra que se trava pelas ruas da Cidade* mas acreditamos e como! [...] a afronta do tirano não prevalecerá então amém [...] (NOLL, 2008b, p. 267-268, grifos nossos).

O “bichinho aqui chamado homem” que o projeto ficcional de João Gilberto Noll coloca em evidência, apresenta-se, então, como o alvo sobre o qual as forças normativas promulgadas por um ordenamento biopolítico são direcionadas. O sujeito que “leva porrada” impresso no texto, colocando o corpo na mira do “Esquadrão da Morte” e sua organização institucionalizada, impõe-se, contudo, como uma força contra a “afronta do tirano”. Quando João Evangelista afirma não ser uma “palavra”, proclamando que “tem corpo, tem matéria, tem tripa, fezes” e que “goza pelo corpo”, sua narração destaca a inauguração de um corpo que extrapola os limites de uma escrita e se insurge contra as proposições temáticas do próprio texto. Sua escrita, dessa

maneira, dá forma a um corpo fraturado que, movimentando-se pelo desejo, recusa o próprio abatimento:

Sabemos de agora em diante que somos perdedores sim, mas exploraremos a devastação dessa derrota com quem garimpa na miséria riquezas indizíveis, não temos outro tesouro senão nossa pobreza, tocamos a miséria da Cidade não pra chafurdarmos prazerosamente no lodo da impotência, mas para chegarmos até aqui, alçando nossa penúria, a nossa escassez, a nossa privação a inéditas rotas [...] (NOLL, 2008b, p. 269).

Consideramos, então, tendo em vista tais apontamentos, que não podemos categorizar o projeto ficcional do autor gaúcho como a completa expressão de um niilismo responsável por aniquilar os sujeitos dentro do vazio de suas subjetividades (e, além disso, das forças de poder operadas através de questões sociais propostas no texto): “exploraremos a devastação dessa derrota”, afirma João Evangelista, afastando-se, portanto, do “lodo da impotência”. Por outro lado, não podemos também analisar seus textos unicamente sob o ponto de vista da inauguração de uma utopia baseada no desejo, isolando, assim, os elementos propostos em sua composição dos aparatos relacionados a uma estrutura histórica e política que sustenta uma condição precária — afinal, seus personagens se reconhecem “perdedores” imersos na “pobreza”, na “miséria da Cidade”. Ou seja: a literatura produzida por João Gilberto Noll, presa ao embate entre os “destroços” movimentados por uma condição precária e a “esperança” intrínseca aos corpos de seus personagens, nos propõe, através de uma escrita que nos comunica à alteridade, um horizonte que acena para a resistência.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. *Frames of war: when is life grievable?* London: Verso, 2009.

BUTLER, Judith. *Precarious life: the powers of mourning and violence*. New York and London: Verso, 2004.

CÓCCARO, Victoria. Los cuerpos vulnerables de João Gilberto Noll. In: BUTTES, Stephen; NIEBYLSKI, Dianna. *Pobreza y precariedad en el imaginario latinoamericano del siglo XXI*. Santiago: Editorial Cuarto Próprio, 2017, pp. 249-273.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

GIORGI, Gabriel. Em direção ao animal: João Gilberto Noll, escrita e bios. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma (org). *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 120-135.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Trad. Tomás Maia. Lisboa: Veja, Limitada, 2000.

NOLL, João Gilberto. A céu aberto ilumina a escuridão de João Gilberto Noll. *Entrevista com Bernardo Ajzenberg para a Folha de São Paulo*, 1996. Disponível em: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrevistas.html>. Acesso em: 12/11/2018.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Record, 2008b.

NOLL, João Gilberto. Entrevista com Paloma Vidal e Daniel Barreto da Silva. In. Grumo, Buenos Aires, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, set. 2005.

NOLL, João Gilberto. João Gilberto Noll: o tempo da cigarra (entrevista). Brasil/Brazil, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997, p. 78-94.

NOLL, João Gilberto. *Mínimos, múltiplos, comuns*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

NOLL, João Gilberto. *O cego e a dançarina*. Rio de Janeiro: Record, 2008c.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SILVA, Daniel. *Reinvenções da precariedade: o sujeito e o corpo na obra de João Gilberto Noll*. Dissertação. (Mestrado em Letras) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RECEBIDO EM 30/05/2020 | ACEITO EM 16/12/2020